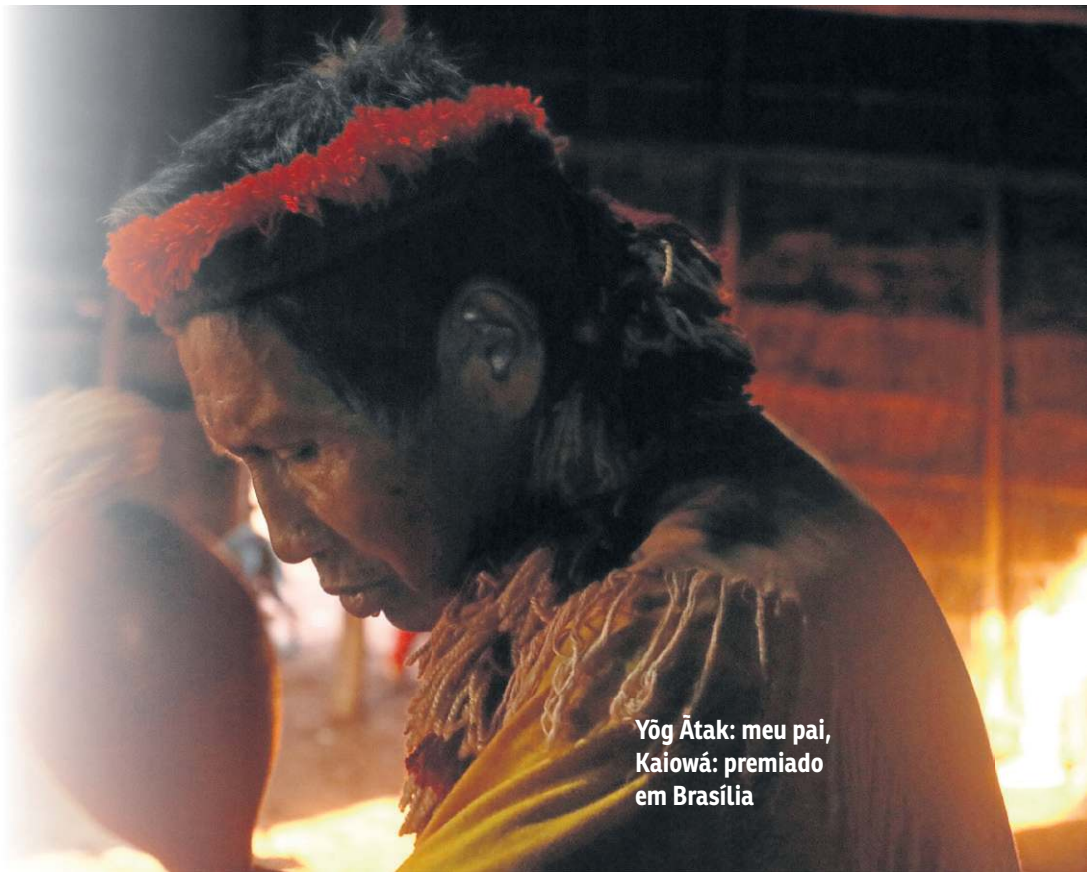
Esperançoso regresso

Vencedor no 57º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro do prêmio de melhor direção (com troféu Candango dividido entre o quarteto Sueli Maxakali, Isael Maxakali, Roberto Romero e Luisa Lanna), o longa Yõg Ãtak: Meu pai, Kaiowá retrata a reparação num laço de família entre a cineasta Sueli e o pai dela, Luiz Kaiowá, depois de 40 anos de separação diante de fatores transcorridos pela imposição do regime militar no Brasil.

Indígena guarani kaiowá, Luiz saiu do Mato Grosso do Sul rumo a São Paulo e, depois, Rio de Janeiro. Na sequência, ele foi forçado a ficar em Minas Gerais pela ação de agentes da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Por mais de 15 anos, ele esteve inserido na vivência dos Maxakali. Apartado das filhas, Luiz poderá (ou não) ser reencontrado, no desenvolvimento deste filme documental. A jornada de familiares de Sueli rumo a este objetivo dá cerne ao longa.

TATIANE KLEIN



Yõg Ãtak: meu pai, Kaiowá: premiado em Brasília